

LEITURAS EM MOVIMENTO: A CIRCULAÇÃO DE IDEIAS E AS APROPRIAÇÕES DE LEITURA DE JOAQUIM NABUCO (1870-1900)

*READINGS IN MOTION: THE CIRCULATION OF IDEAS AND READING
APPROPRIATIONS OF JOAQUIM NABUCO (1870-1900)*

*LECTURAS EN MOVIMIENTO: LA CIRCULACIÓN DE IDEAS Y LAS APROPIACIONES
DE LECTURA DE JOAQUIM NABUCO (1870-1900)*

Priscila Cruz Lisboa de Melo¹
Cleber Araújo Cabral²

Resumo

Este trabalho analisa as particularidades da história da leitura e explora os efeitos da circulação de impressos e de ideias entre o Brasil e a Europa durante o final do século XIX. Tal problemática consiste em investigar como a circulação de ideias influenciou mutuamente em pensadores e políticos, na escolha dos modelos interpretativos e na construção das identidades nacionais, processo em evidência no período mencionado. Essa questão se faz necessária para entender as escolhas dos modelos interpretativos através das apropriações de leitura desses agentes. O objetivo central deste estudo é analisar como o historiador da leitura pode investigar a influência da circulação de impressos, de ideias e de pessoas no processo de construção das literaturas e das identidades nacionais. Para isso realizou-se pesquisa das mais relevantes teorias dentro da história da leitura e uma análise da autobiografia de Joaquim Nabuco como exemplo de leitor, político, diplomata e intérprete do Brasil. Esse propósito fundamentou-se em uma revisão bibliográfica. A pesquisa demonstrou que a circulação transatlântica de impressos e ideias foi muito além de uma troca cultural, atingindo substancial relevância para a formação da identidade nacional e influenciando nas escolhas de teorias explicativas e de modelos políticos que ordenavam o país.

Palavras-chave: história do livro; história da leitura; globalização da cultura; circulação de ideias; Joaquim Nabuco.

Abstract

This work analyzes the particularities of the history of reading and explores the effects of the circulation of printed matter and ideas between Brazil and Europe during the late nineteenth century. This problem consists in investigating how the circulation of ideas mutually influenced thinkers and politicians, in the choice of interpretative models and in the construction of national identities, a process in evidence in the mentioned period. This question is necessary to understand the choices of interpretative models through the reading appropriations of these agents. The central objective of this study is to analyze how the historian of reading can investigate the influence of the circulation of printed matter, ideas, and people in the process of building national 'literatures' and identities. For this purpose, a research was carried out on the most relevant theories within the history of reading and an analysis of Joaquim Nabuco's autobiography as an example of a reader, politician, diplomat, and interpreter from Brazil. This purpose was based on a literature review. The research showed that the transatlantic circulation of printed matter and ideas went far beyond a cultural exchange, reaching substantial relevance for the formation of national identity and influencing the choices of explanatory theories and political models that ordered the country.

Keywords: history of the book; history of reading; culture globalization; ideas circulation; Joaquim Nabuco.

Resumen

¹ Graduanda em História no Centro Universitário Internacional - Uninter. E-mail: pri_cruzmelomelo@hotmail.com.

² Doutor em Teoria da Literatura e Literatura Comparada. Professor no Centro Universitário Uninter. E-mail: cleber.c@uninter.com.

Este trabalho analiza las particularidades de la historia de la lectura y explora los efectos de la circulación de impresos y de ideas entre Brasil y Europa durante el final del siglo XIX. Tal problemática consiste en investigar cómo la circulación de ideas ejerció influencia mutua entre pensadores y políticos, en la selección de los modelos interpretativos y en la construcción de las identidades nacionales, proceso en evidencia en el período mencionado. Esa cuestión se hace necesaria para entender la escogencia de los modelos interpretativos por medio de las apropiaciones de lectura de esos agentes. El objetivo central de este estudio es analizar cómo el historiador de la lectura puede investigar la influencia de la circulación de impresos, de ideas y personas en el proceso de construcción de las literaturas y de las identidades nacionales. Para ello, se analizaron las teorías más relevantes dentro de la historia de la lectura y un análisis de la autobiografía de Joaquim Nabuco, como ejemplo de lector, político, diplomático e intérprete de Brasil. Ese propósito se apoyó en una revisión bibliográfica. La investigación demostró que la circulación transatlántica de impresos e ideas llegó más allá de un intercambio cultural, logrando sustancial relevancia para la formación de la identidad nacional e influyendo sobre la selección de teorías explicativas y de modelos políticos que ordenaban al país.

Palabras-clave: historia del libro; historia de la lectura; globalización de la cultura; circulación de ideas; Joaquim Nabuco.

1 Introdução

Através desse estudo pretende-se apresentar as particularidades da história da leitura e explorar os efeitos da circulação de livros e de ideias na construção das literaturas e identidades nacionais, recortando para isso, o final do século XIX, entre os anos de 1870 e 1900, período de intensas transformações políticas e ocaso do período imperial no Brasil. A presente pesquisa é de fundamental importância para o historiador que aspira compreender o ofício no domínio da história da leitura e apreender as implicações da circulação de livros nas apropriações e construções de identidades nacionais.

O propósito primeiro desse estudo é analisar como a circulação de livros e de ideias entre Brasil e Europa, durante o século XIX, influenciou a construção da identidade nacional brasileira, através das apropriações feitas pelos leitores que se propuseram a criar um modelo interpretativo para o país.

Para uma demonstração elucidativa, será necessário explorar alguns tópicos específicos, tais como: examinar os efeitos do avanço da globalização, mediante a circulação de mercadorias, de livros e de ideias entre Brasil e Europa no final do século XIX; apresentar a interdisciplinaridade entre História e Literatura através dos conceitos de apropriação e representação, exemplificados a partir da experiência de leitor de Joaquim Nabuco (1849-1910), por intermédio de sua autobiografia, *Minha Formação* (1900).

Para a realização desse estudo foi utilizada a pesquisa bibliográfica com o fim de proporcionar uma introdução à história da leitura. Para isso foram levantados vários textos fundamentais para o entendimento do domínio em questão. Visando responder ao objetivo específico, foi utilizada a autobiografia de Joaquim Nabuco como registro das suas experiências de leitura.

A História do Livro é um domínio recente dentro da historiografia. O marco teórico da área foi a publicação da obra *O aparecimento do livro* (1958), por Lucien Febvre e Henri-Jean Martin. Esses historiadores, coetâneos da segunda geração dos Annales, propuseram o livro impresso como um novo objeto da História, assim como nos apresentam os autores:

A finalidade desta obra e, esperamos, sua novidade será definir a importância desse papel; estabelecer como e por que o livro impresso foi algo completamente diferente de uma realização técnica cômoda e de uma engenhosa simplicidade — a atualização de um dos mais poderosos instrumentos que pôde dispor a civilização ocidental para concentrar o pensamento disperso de seus representantes, conferir toda eficácia à meditação individual dos pesquisadores, ao transmiti-la logo a outros pesquisadores (FEBVRE; MARTIN, 2019, p. 51).

O legado da História do livro foi transmitido para a terceira geração dos Annales, caracterizada pelo afloramento de “Novos problemas; novos objetos; novas abordagens”. Como expoente dessa nova geração despontou Roger Chartier, que tem contribuído copiosamente para aprimorar a área da história do livro e da leitura ao trabalhar os conceitos de “práticas”, “representações” e “apropriações”, conceitos fundamentais para a formulação da Nova História Cultural.

Para entender como a historiografia do livro se desenvolveu no Brasil, é fundamental conhecer a obra do brasilianista Laurence Hallewell, que elaborou a primeira grande síntese da história do mercado editorial brasileiro em *O livro no Brasil* (1985). Também é importante destacar a parceria de Marisa Lajolo com Regina Zilberman, no livro *A formação da leitura no Brasil* (2019), em que as autoras apresentam as transformações que levaram ao amadurecimento do leitor brasileiro.

Atualizando as pesquisas na área, foi criado o projeto *Circulação Transatlântica dos Impressos: a globalização da cultura no século XIX (1789-1914)*, organizado por Jean-Yves Mollier e Márcia Abreu, que promove o estudo de pesquisadores oriundos de várias instituições de pesquisa do Brasil, França, Inglaterra e Portugal. Tais estudos foram publicados em 2018, no Brasil, em três volumes: *Deslocamentos e mediações*, *Romances em movimento* e *Suportes e mediadores*. Nessas publicações encontram-se análises sobre os processos culturais, políticos e econômicos colocados em movimento pela circulação dos impressos em escala transnacional, sendo essencial o termo “circulação” para a compreensão dos movimentos entre a Europa e Brasil, desconstruindo, assim, o sentido de um fluxo unilateral, que se daria a partir do velho para o novo mundo.

Com o intuito de explorar o exemplo recortado, além da análise da autobiografia *Minha formação*, publicada pela primeira vez em 1910, foram apreciadas as obras de Angela Alonso,

Ideias em movimento: a Geração 1870 na crise do Brasil-Império (2002) e *Joaquim Nabuco: os salões e as ruas (2007)*, além de alguns artigos que exploram as experiências de Joaquim Nabuco como leitor.

Neste estudo, primeiramente é apresentada uma introdução ao fazer historiográfico nos domínios da história do livro e da leitura. Logo, segue uma explanação da perspectiva de Roger Chartier sobre os conceitos de “apropriação” e “representação” e suas inferências na interdisciplinaridade da História e a Literatura. Na próxima seção demonstra-se como a circulação de ideias influenciou a construção das identidades nacionais em fins do século XIX. O estudo finaliza com a análise das apropriações e leituras feitas por Joaquim Nabuco.

2 Metodologia

Para a realização deste estudo foi efetuada uma pesquisa bibliográfica através do levantamento de vários textos analisados mediante uma abordagem qualitativa. Foram selecionados trabalhos presentes em livros considerados referência dentro do domínio da história do livro e da leitura, além de artigos que foram encontrados na base de dados do Google Acadêmico mediante o emprego de palavras-chave como: História do livro; História da leitura; Circulação de ideias; Joaquim Nabuco leitor e Geração 1870.

3 Revisão bibliográfica

3.1 “Escutar os mortos com os olhos”, o historiador da leitura

O verso acima foi utilizado por Roger Chartier para prestar homenagem à relação que os historiadores têm com o passado, pois este só lhes é acessível através de vestígios encontrados nos registros e arquivos. Existem diversos tipos de fontes por meio das quais se podem acessar rastros do passado. Porém, observando as perspectivas apontadas por José D’Assunção Barros, em *Os campos da história (2004)*, o presente estudo encontra-se balizado pelo enfoque da História Cultural, especificamente no domínio da História do Livro. Nesse sentido, a leitura é, portanto, a principal prática a ser analisada, assim como as apropriações que dela derivaram. Como observa Chartier (2014, p. 24), “Se queremos compreender os significados que os leitores davam aos textos dos quais se apropriavam, precisamos projetar, conservar e compreender os objetos escritos que os continham”.

É importante ressaltar que a história da leitura não se faz somente a partir da análise do texto, já que ele por si só não exprime tudo o que dele se pode apreender. Os historiadores da

área, cientes das dificuldades que lhes são apresentadas, continuam empenhados em desenvolver formas de análise. Os que pretendem desvendar a história do livro devem atentar para vários pormenores que não estão presentes no texto, de modo a particularizar a atuação do leitor, assim como é elucidado por Chartier no trecho a seguir:

Um desafio inquietante para toda a história que se propõe a inventariar e racionalizar uma prática — a leitura — que raramente deixa marcas [...] Tal projeto repousa, por princípio, num duplo postulado: que a leitura não está ainda, inscrita no texto, e que não há, portanto, distância pensável entre o sentido que lhe é imposto e a interpretação que pode ser feita por seus leitores; conseqüentemente, um texto só existe se houver um leitor para lhe dar um significado (CHARTIER, 2017, p. 11).

3.2 Representações e apropriações

Para compreender as peculiaridades da História da leitura é imprescindível que se conheça alguns conceitos e noções extensivamente trabalhados na História Cultural, tais como “representação” e “apropriação”. Como enuncia José D’Assunção Barros (2005), “‘Práticas’ e ‘Representações’ são ainda noções que estão sendo elaboradas no campo da História Cultural” (BARROS, 2005, p. 136). O desenvolvimento de tais ideias resultam da contribuição de vários pensadores oriundos de diferentes áreas. Colaborando para esse cenário, Roger Chartier se posiciona contrário à ideia antes elaborada de que as divisões sociais prévias determinam a apropriação dos bens culturais, denominando essa perspectiva como uma “tirania do social”. De acordo com Chartier, as representações são entendidas como classificações que organizam as percepções do mundo real e são determinadas pelos interesses dos grupos que as concebem (CHARTIER, 1990, p. 17). O historiador atribui ao conceito de representação função essencial na compreensão do objetivo da História Cultural, a de “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 16).

Através do estudo da recepção das representações por parte dos leitores, Chartier entende as apropriações como práticas plurais de interpretação e produção de sentidos, sendo possibilitada ao leitor certa liberdade para ressignificar os discursos a partir de suas vivências. No entanto, o historiador salienta que essa liberdade é relativa:

A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados. [...] Toda a história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas essa liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações, derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura (CHARTIER, 1999, p. 77).

3.3 As representações na história e na literatura

A interdisciplinaridade entre História e Literatura é assunto que pode ser amplamente explorado levando em consideração suas diferenças e similaridades epistemológicas. Todavia, este estudo prioriza a chave que o conceito de representação configura no diálogo entre as duas áreas.

As representações podem ser notadas tanto em um texto literário como na escrita histórica, e refletem as determinações sociais do espaço e tempo em que o texto em questão foi produzido. As fronteiras entre História e Literatura ficam, assim, mais fluidas, ao se perceber que tanto há subjetividades oriundas das representações de um historiador em sua escrita como há indícios do contexto social vivido pelo autor em um texto literário.

Assim, como elucida Grecco, “a literatura, pois, assume um novo papel dentro da disciplina da História, como de significativa fonte de análise das diferentes visões de mundo que os sujeitos apresentam em cada tempo e espaço” (GRECCO, 2020, p. 13). A autora ainda corrobora com a operação inversa, ao demonstrar as representações presentes na escrita histórica:

Para tanto, é necessário compreender que a subjetividade é parte integrante na reconstrução de um passado, feito através da escrita histórica, de modo que o historiador tem um discurso que emerge de um contexto social e suas representações são construídas a partir da sociedade em que vive (GRECCO, 2020, p. 19).

3.4 Circulação e construção das identidades e literaturas nacionais

Compreendendo os conceitos centrais para a história da leitura e suas implicações na interdisciplinaridade entre História e Literatura, o historiador da leitura deve se atentar para o fenômeno de como a circulação dos textos e, conseqüentemente, das ideias, transmite representações de um grupo para outro. Como nos lembra Chartier:

O historiador deve poder vincular em um mesmo projeto o estudo da produção, da transmissão e da apropriação dos textos. O que quer dizer manejar ao mesmo tempo a crítica textual, a história do livro, e, mais além, do impresso ou do escrito, e a história do público e da recepção" (CHARTIER, 1999, p. 18).

O processo de globalização, que já vinha decorrendo há alguns séculos, foi potencializado na segunda metade do século XIX, com a constituição do mercado integrado de bens, trabalho e capital, como demonstrou Eric Hobsbawm: “O mundo estava se tornando geograficamente menor e mais global — um planeta ligado cada vez mais estreitamente pelos laços dos deslocamentos de bens e pessoas, de capital, comunicações, de produtos materiais e

ideias” (HOBBSAWM, 2018, p. 31). Durante o período que Hobsbawm denominou de “longo século XIX”, o mundo foi marcado por intensas trocas entre diferentes países, devido às facilidades encontradas no grande impulso que tiveram os avanços nos meios de transporte marítimos e ferroviários. O processo de produção de impressos também passou por mudanças técnicas, como a introdução da prensa a vapor e a mecanização da fabricação de papel, avanços que possibilitaram maior facilidade no circuito dos impressos, como esclarecem Abreu e Mollier:

Editores, livreiros e empresários teatrais souberam tirar partido dessa situação, procurando alargar o mercado de compradores de livros, jornais e revistas, bem como atingir espectadores muito distantes do seu local de origem. [...] Essas conexões eram também favorecidas pelo intenso intercuro de letrados, que mantinham intensas trocas culturais (ABREU; MOLLIER, 2018, p. 10).

A movimentação, portanto, não era somente das mercadorias; ocorreu, também, grande deslocamento dos agentes culturais, como editores, livreiros, escritores e políticos. Isso propiciou que os impressos e as ideias circulassem, o que proporcionou apropriações entre os agentes da construção das identidades nacionais, processo pelo qual passavam os países ocidentais durante o século XIX. Uma das formas encontradas para concretizar esse projeto foi a formação das literaturas nacionais, como nos demonstra Souza (2011, p. 21): “Mas só a partir do século XIX é que a perspectiva nacionalista se impõe nos estudos literários.”. Sobre esta questão, segundo Anne-Marie Thiesse:

As literaturas nacionais foram criadas no contexto de uma rápida e intensa circulação transnacional de teorias, temas e estilos. Os escritores de diversas nações, engajados na construção das literaturas nacionais, se relacionavam uns com os outros, liam-se, traduziam-se e, muitas vezes, imitavam-se (THIESSE, 2009, p. 62 apud ROZEAUX, 2018, p. 133).

Infere-se, portanto, que a circulação transatlântica de impressos e ideias foi muito além de uma troca cultural, atingindo substancial relevância para a formação da identidade nacional e influenciando nas escolhas de teorias explicativas e modelos políticos que ordenavam o país. Segundo Nevez e Ferreira:

Pode-se afirmar que a circularidade não se restringiu a uma simples troca de mercadorias. Em verdade, ela demonstra uma apropriação de ideias e valores entre as diversas culturas pelos homens de letras/publicistas. Muitas vezes, esses indivíduos acabaram ainda por representar forças políticas importantes e forjaram suas atitudes e escolhas em relação à política da época a partir das trocas culturais que vivenciaram e das apropriações que fizeram das obras estrangeiras (NEVEZ; FERREIRA, 2018, p. 105).

3.5 Joaquim Nabuco leitor e representante da Geração de 1870

No contexto de construção das identidades nacionais, no Brasil, um grupo chamado de “Geração 1870”, composto por letrados empenhados em compreender e explicar o “ser brasileiro”, dedicou-se à investigação das manifestações culturais de seu povo. Para tanto, os pensadores procuravam nas doutrinas coetâneas as teorias e modelos políticos que proporcionassem novas formas interpretativas para a realidade social do país. Algumas perspectivas que respaldaram suas propostas provinham das teorias científicas originárias do Iluminismo, tais como os determinismos, o positivismo, o federalismo, a abolição da escravidão e a república como sistema representativo.

Nesta conjuntura, com a interrupção do tráfico de escravos em 1850, que modificou progressivamente as relações de trabalho, o Brasil passava por uma aceleração do processo de modernização do país, com a industrialização e o crescimento urbano. As mudanças econômicas e sociais refletiam-se na estrutura política do Segundo Reinado e evidenciavam a necessidade de reformas pleiteadas pelo grupo de pensadores autoproclamados “novos liberais”, entre os quais vários integravam o movimento intelectual chamado de “Geração 1870”. Como demonstra Alonso:

Todos esses grupos da geração 1870 eram marginalizados pelo sistema político imperial. Nabuco e outros filhos ou afilhados de líderes liberais em oposição ao gabinete [...] se uniram em protesto, proclamando-se “novos liberais” (ALONSO, 2007, p. 112).

Segundo Alonso (2002, p. 21), os participantes da “Geração 1870” foram acusados, posteriormente, de discutir novos sistemas filosóficos imitando ideias europeias, ignorando os problemas sociais mais pungentes do país, como a escravidão. Alguns poucos membros do grupo escaparam à acusação ao se preocupar em interpretar a realidade nacional e, como fez Joaquim Nabuco, tentar explicar a escravidão.

Um dos representantes dos “novos liberais” foi Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo, nascido em Recife em 1849, filho de José Thomaz Nabuco de Araújo (1813-1878), um político proeminente do Império. Diante das limitações que este trabalho apresenta, não é possível discorrer minuciosamente sobre a biografia de Nabuco; é necessário, portanto, um recorte sobre a faceta de Joaquim Nabuco leitor, como bem elucida Santiago:

Estudando a trajetória de JN como leitor podemos encontrar as raízes de todas estas categorias. Analisando suas influências literárias e sua formação como leitor encontramos a possibilidade de compreender amplamente o JN embaixador,

intelectual, abolicionista, liberal, diplomata, político, poeta, crítico literário e cidadão do século XIX. É possível compreender sua formação como um todo (SANTIAGO, 2015, p. 10).

As opções de análise das leituras de Joaquim Nabuco são muitas, já que encontramos em sua autobiografia, *Minha Formação*, citações de variados autores que influenciaram, significativamente, sua formação intelectual. Perante a necessidade de um recorte, foi feita a escolha de autores que causaram mais fortes impressões em Nabuco. São eles: Luís Vaz de Camões (1524-1580); Ernest Renan (1823-1892); Walter Bagehot (1826-1877) e Harriet Beecher Stowe (1811-1896).

Retomando o projeto de reconstrução de identidades nacionais, presente nas concepções dos pensadores do século XIX, percebemos em Portugal movimento similar ao que, no Brasil, se desenvolvia com a Geração 1870. Uma das soluções encontradas pelos intelectuais portugueses foi a exaltação de Camões, elevando o poema épico *Os Lusíadas* (1572) como representante do *ser português*, reconstruindo, assim, o imaginário heroico da nação. Para tanto foi organizada, em 1872, uma celebração em comemoração ao tricentenário d'*Os Lusíadas*, evento que Joaquim Nabuco aproveitou para externar sua admiração por Camões, escrevendo um ensaio, como ele mesmo nos revela em sua autobiografia:

Em 1872 o que me ocupa o espírito é o centenário dos *Lusíadas*, estou então imprimindo um livro sobre Camões, e a quem trabalha em um livro, apesar do seu nenhum valor literário, como o mostrou Teófilo Braga, não sobra muita atenção ou interesse para dar ao que acontece em redor de si (NABUCO, 1998, p. 55).

Joaquim Nabuco revelou em seus escritos ter lido mais em francês do que em sua língua materna durante a juventude, sendo, por isso, fortemente influenciado pelos pensadores franceses, entre os quais se destaca Ernest Renan, filósofo, teólogo e historiador. A importância de Renan para Nabuco é tamanha que o brasileiro dedicou um capítulo de sua autobiografia exclusivamente a esse pensador, assumindo o grande impacto que as leituras do filósofo exerceram em suas ideias e estilo, como se nota na passagem a seguir:

Basta-me dizer, por enquanto, que a grande influência literária que experimentei na vida, a embriaguez de espírito mais perfeita que se podia dar, pelo narcótico de um estilo de timbre sem igual em nenhuma literatura, o meu *coup de foudre* intelectual, foi a influência de Renan (NABUCO, 1998, p. 34).

Em outro trecho, Nabuco afirma que, desde o período em que cursara a Faculdade de Direito do Recife, seus interesses alternavam entre literatura e política, dependendo da fase em

que vivia, e cita vários autores das áreas de filosofia, religião, poesia, prosa, história e romance que contribuíram para a formação de seu intelecto:

Tudo isto formava o fundo do meu espírito, o húmus da minha inteligência, quando começou a fase literária, aquela em que senti uma impulsão interior irresistível para entrar na literatura. O período anterior era de receptividade, de plantio, de assimilações; a impressão, o prazer maior era o de ler; agora, vinha a necessidade de produzir, de criar (NABUCO, 1998, p. 74).

Ao constatar que, por ler muitos pensadores franceses, autores que alimentaram os ideais republicanos, Nabuco admite que, em certos momentos, seus princípios oscilavam entre republicanos e monarquistas. Entretanto, foi a leitura do economista e analista político britânico Walter Bagehot que o convenceu à causa monarquista. A partir de então, Nabuco se declarava contrário ao republicanismo cultivado na França, como podemos perceber na citação abaixo:

O que me decidi foi a Constituição Inglesa de Bagehot. Devo a esse pequeno volume, que hoje não será talvez lido por ninguém em nosso país, a minha fixação monárquica inalterável; tirei dele, transformando-a a meu modo, a ferramenta toda com que trabalhei em política (NABUCO, 1998, p. 35).

A influência inglesa de Bagehot na predileção política de Nabuco foi destacada no segundo capítulo de sua autobiografia, em que o brasileiro expõe a ideia de Bagehot que o conquistou: o fato de o governo de gabinete ser a alma da constituição inglesa. Nabuco se mostra em acordo com a proposta de Bagehot, quanto à superioridade do sistema de monarquia parlamentar inglês frente ao presidencialismo americano. Segundo o autor britânico, o sistema inglês era mais democrático, pois o representante nele eleito não obtinha poderes absolutos sob o governo constituído, podendo este ser deposto a qualquer momento pela Câmara dos Comuns. Neste sistema, os poderes se unem por um laço que é o gabinete. Explicando Bagehot, Nabuco escreve “O sistema inglês, diz ele, não consiste na absorção do Poder Executivo pelo Legislativo; consiste na fusão deles.” (NABUCO, 1998, p. 41).

Como salienta Rios, no trecho a seguir, as ideias de Bagehot auxiliaram Nabuco a encontrar elementos para pensar o contexto brasileiro, para além dos princípios franceses revolucionários.

Na primeira metade do século XIX as classes médias emergentes temiam acima de tudo a erupção do Terror revolucionário, os anos infames de 1793 a 94, as delações, os tribunais, a guilhotina, o banho de sangue instaurado na França pelos Jacobinos. Por isso rejeitavam, repugnadas os “princípios franceses” — ainda que, com o tempo, ficasse claro que incluíam muita reforma racional e necessária. No Brasil dos anos 70 — na época em que Nabuco lia avidamente as páginas de Bagehot — o medo era a anarquia, entendida como uma grande insurreição da escravaria — o que nunca houve (RIOS, 2011, p. 34).

Assim, não é difícil compreender o motivo pelo qual Nabuco se identificou com as ideias de Bagehot, um economista reformista avesso ao que chamava “radicalismo sentimental”, um evolucionista, mas não um revolucionário. Foi dessa forma que Nabuco, um liberal reformista, se encantou com os argumentos do autor britânico, ao descobrir que a monarquia podia conviver com a liberdade.

Ainda a respeito da fase de formação de seu espírito, como Nabuco mesmo a denomina, essa é seguida pela fase em que se verifica como as apropriações de suas leituras foram colocadas em prática na atuação política, ao se dedicar principalmente à causa abolicionista. O então deputado Joaquim Nabuco fundou a Sociedade Brasileira Contra a Escravidão, em 1880, empenhando-se em atrair apoio internacional ao movimento, sendo vitorioso nessa empreitada ao conseguir a cooperação dos abolicionistas ingleses.

No ano de 1882, escreveu, em uma carta para Domingos Jaguaribe, seus planos de “[...] publicar obras abolicionistas, traduções de livros como *A cabana do Pai Tomás* — essa Bíblia da emancipação dos escravos —, vidas de abolicionistas célebres...” (NABUCO, 1882 apud ALONSO, 2007, p. 160). Nabuco, então, reuniu documentos para escrever um panfleto que justificasse a abolição, e acabou se aprofundando na explicação da escravidão ao escrever *O Abolicionismo* (1883). Nesta obra ele empregou todo o escopo teórico, filosófico, histórico e de ensaios políticos adquiridos durante suas experiências de leitura, além de dados estatísticos sobre a escravidão no Brasil, a fim de conferir visibilidade ao movimento abolicionista.

Estive envolvido na campanha da Abolição e durante dez anos procurei extrair de tudo, da história, da ciência, da religião, da vida, um filtro que seduzisse a dinastia; vi os escravos em todas as condições imagináveis; mil vezes li a *Cabana do Pai Tomás*, no original da dor vivida e sangrando; no entanto a escravidão para mim cabe toda em um quadro inesquecido da infância, em uma primeira impressão, que decidiu, estou certo, do emprego ulterior de minha vida (NABUCO, 1998, p. 182).

Verifica-se acima duas menções ao romance *A cabana do Pai Tomás*, obra da norte-americana Harriet Beecher Stowe (1811-1896), publicado em livro no ano de 1852. O livro fez grande sucesso em meio aos participantes da causa abolicionista; foi adaptado para diversos veículos de divulgação no decorrer do século XIX, sendo a apropriação e difusão da obra fatores determinantes para a construção do imaginário sobre o “ser escravo”.

Nabuco menciona o romance mais enfaticamente na sua obra *O Abolicionismo*, ao escrever que os sofrimentos reais dos escravos eram mais agonizantes que os do personagem fictício. Já em sua autobiografia *Minha Formação*, evoca o romance mesclado às suas memórias, conferindo ênfase nestas ao narrar um evento singular, vivido na infância, como a gênese de sua inclinação para a causa abolicionista.

Ademais, é possível observar várias outras menções em sua autobiografia que relatam como as ideias assimiladas durante suas leituras influenciaram em sua atuação na vida pública. Em todo o livro, percebe-se o empenho em construir uma narrativa que atesta sua inclinação à carreira literária, bem como a de um historiador que buscava interpretar e conferir ao Brasil uma identidade própria. Para além de um homem de letras e um político abolicionista, Joaquim Nabuco pode ser considerado um dos grandes intérpretes do Brasil; suas ideias legaram uma reflexão original sobre a formação da sociedade brasileira e projetava reformas que, eliminando os males da escravidão, proporcionassem um sistema político democrático e moderno.

Para encerrar a presente seção, que teve por objetivo analisar as apropriações feitas por Joaquim Nabuco como leitor, apresentamos um trecho em que o autor demonstra sua relação com os livros e a leitura.

Ávido de impressões novas, fazendo os meus primeiros conhecimentos com os grandes autores, com os livros de prestígio, com as ideias livres, tudo o que era brilhante, original, harmonioso, me seduzia e arrebatava por igual. Era o deslumbramento das descobertas contínuas, a eflorescência do espírito: todos os seus galhos cobriam-se espontaneamente de rosas efêmeras (NABUCO, 1998, p. 33).

4 Considerações finais

A partir do recorte metodológico e histórico apresentado, bem como mediante a leitura da obra selecionada para análise, conclui-se que a circulação de livros e de ideias entre o Brasil e a Europa influenciou na formação da literatura nacional. Tal consideração tem respaldo no fato de que a circulação dos textos teve papel fundamental nos projetos de construção de identidades nacionais, então em evidência nos países ocidentais durante o século XIX. Neste trabalho, buscou-se inferir como um leitor, como Joaquim Nabuco, atuante na vida pública brasileira entre os anos 1870 e 1900, pôde utilizar as apropriações feitas durante as suas leituras para criar interpretações do Brasil e formar ideias políticas que buscavam solucionar, segundo suas perspectivas, questões sociais do país naquele momento.

O entendimento ao qual se aproximou esse estudo foi possível devido às elucidações de proeminentes historiadores da leitura, através das quais foram apresentadas algumas das peculiaridades do fazer historiográfico dessa área. No entanto, as particularidades da História da leitura apresentam lacunas em que este estudo pode ter incorrido, como o problema da extração exata das apropriações feitas pelos leitores, já que a prática da leitura dificilmente é registrada em sua totalidade.

Assim, para tentar reunir a maior quantidade de pormenores possíveis, o historiador da leitura deve buscar formas variadas de investigar as práticas de leitura, o que pode ser feito

através de algumas abordagens, como: registros de leitura ou textos críticos; exame de inventários pessoais e de bibliotecas; assinaturas de empréstimos em gabinetes de leitura; catálogos de editoras; anúncios de publicação e venda em jornais; correspondências e diários, mencionando leituras; pareceres de órgãos destinados à censura, entre outros. Após apresentar essas possibilidades de pesquisa, findamos com a advertência de Roger Chartier aos interessados nesse campo de investigação:

Fica, assim, enunciado o paradoxo fundador de toda a história da leitura, que deve postular a liberdade de uma prática da qual só podemos capturar as determinações. Construir comunidades de leitores [...], observar como as formas materiais afetam os seus sentidos, localizar a diferença social nas práticas mais do que nas diferenças estatísticas, são muitas das vias possíveis para quem quer entender, como historiador, essa “produção silenciosa” que é a “atividade leitora” (CHARTIER, 2017, p. 27).

Referências

ABREU, Márcia. **Romances em movimento: a circulação transatlântica dos impressos: (1789-1914)**. São Paulo: Unicamp, 2016.

ABREU, Márcia; MOLLIER, Jean-Yves. Introdução. In: GRANJA, Lúcia; LUCA, Tânia Regina de (org.). **Suportes e mediadores: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)**. São Paulo: Unicamp, 2018.

ALONSO, Ângela. **Ideias em movimento: a Geração 1870 na crise do Brasil-Império**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ALONSO, Ângela. **Joaquim Nabuco: os salões e as ruas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BARROS, José D'Assunção. Os campos da História. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 16, p. 17 -35, dez. 2004. ISSN: 1676-2584. Disponível em: https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/4785/art3_16.pdf. Acesso em: 10 dez. 2021.

BARROS, José D'Assunção. A história cultural e a contribuição de Roger Chartier. **Diálogos**, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Unesp, 1999.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2014.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. 2. ed. 1999, reimpr. Brasília: Ed. UnB, 2017.

COSTA, Gladisson Silva; HESSMAN, Dayane Rúbila Lobo; NODARI, Daniel Jacob. Casas de cômodos de Aluísio de Azevedo: relações entre História e Literatura. *In*: CAVAZZANI, André Luiz M. (org.). **Diorama**: temas de história, educação e literatura. 1. ed. Curitiba: Dialética e Realidade, 2020. Disponível em: <https://www.dialeticaerealidade.com/prateleira>. Acesso em: 10 dez. 2021.

FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. **O aparecimento do livro**. 2. ed. 2017, reimpr. São Paulo: Edusp, 2019.

FERREIRA, Tânia Maria Bessone; NEVEZ, Lúcia Maria Bastos. Livreiros, impressores e autores: organização de redes mercantis e circulação de ideias entre Europa e a América (1799-1831). *In*: GRANJA, Lúcia; LUCA, Tânia R de. (org.). **Suportes e mediadores**: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914). São Paulo: Unicamp, 2018.

GRANJA, Lúcia; LUCA, Tânia R. de (org.). **Suportes e mediadores**: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914). São Paulo: Unicamp, 2018.

GRECCO, Gabriela de Lima. Narrando o passado: interdisciplinaridade entre História e Literatura. *In*: BARROS, Fransuel Lima; FERREIRA, Ronyere; SILVA, Márcio D. de Carvalho (org.). **História, literatura e imprensa**: meios e modos de pensar o passado. Teresina: Editora Cancioneiro, 2020.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**. 3. ed. 2012, reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

HOBBSAWM, Eric. **A era dos impérios**: 1875-1914. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Unesp, 2019.

LEVIN, Orna; PONCIONI, Cláudia. **Deslocamentos e mediações**: a circulação transatlântica dos impressos: (1789-1914). São Paulo: Editora da Unicamp, 2018.

NABUCO, Joaquim. **Minha formação**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 1998. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/1019>. Acesso em: 10 dez. 2021. *E-book*.

RIOS, José Arthur. Nabuco e o pensamento liberal inglês. **Revista IHGB**, Rio de Janeiro, ano 172, n. 451, p. 31-43, abr./jun. 2011. Disponível em: <https://www.ihgb.org.br/publicacoes/revista-ihgb/item/174-volume-451.html>. Acesso em: 14 abr. 2022.

ROZEAUX, Sébastien. **Um jogo de espelhos**: representações do “homem de letras” entre a Europa e o Brasil (1840-1889). *In*: LEVIN, Orna; PONCIONI, Cláudia. **Deslocamentos e mediações**: a circulação transatlântica dos impressos: (1789-1914). São Paulo: Editora da Unicamp, 2018.

SANTIAGO, Maria Luísa Taborda. **Joaquim Nabuco**: leitor de Camões e Renan. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

SOUZA, Roberto Acízelo. **Os estudos literários**: fim(ns) e princípios. **Itinerários**, UNESP Araraquara, v. 33, p. 15-38, 2011. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/4859>. Acesso em: 10 dez. 2021.

VITAL, Dievani Lopes. O projeto moderno iluminista no discurso da Geração 1870 brasileira. *In*: Encontro Internacional Fronteiras e Identidades, 2., 2014, Pelotas. **Anais** [...]. Pelotas: UFPel, 2014. ISSN 2358-6184. Disponível em: <http://www2.ufpel.edu.br/ich/eifi/anais.htm>. Acesso em: 17 abr. 2022.